

**Evento:** XX Jornada de Extensão

## **A IMPORTÂNCIA DO PROJETO "A ESCUTA CLÍNICA" PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA<sup>1</sup>**

### **THE IMPORTANCE OF THE PROJECT "THE CLINICAL LISTENING" FOR THE ACADEMIC FORMATION**

**Bruna Blanke Maciel<sup>2</sup>, Cristiano Villani Melchior<sup>3</sup>, Gustavo Hector Brun<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de extensão realizado no curso de Psicologia da UNIJUI, Campus Santa Rosa

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da UNIJUI, Campus Santa Rosa.

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia da UNIJUI, Campus Santa Rosa

<sup>4</sup> Professor Doutor do Curso de Psicologia da UNIJUI

O presente trabalho tem a intenção de abordar acerca da dimensão clínica da escuta de sujeitos em processo de psicoterapia e como isso pode ser pensado dentro da dimensão acadêmica a partir do projeto realizado junto ao campus da UNIJUI – Santa Rosa, intitulado “A Escuta Clínica”.

Dentre os objetivos do projeto, que desde o início pautou-se em uma construção coletiva de conhecimentos, estava o aprofundamento do conceito de escuta. A clínica-escola tem por objetivo oportunizar a vivência de uma praxis alocada num referencial teórico freudo-laciano. Assim, a experiência psicanalítica torna-se uma dimensão onde o fenômeno transferencial acontece e que está pautado no processo da escuta clínica.

No entanto, há que se fazer um questionamento acerca do lugar e como a psicanálise estaria situada enquanto conhecimento. É possível ensinar psicanálise? Nesse ponto, Cardoso (2008) observa

[...]Qual é a diferença entre ensinar e transmitir psicanálise? A transmissão da psicanálise se dá na continuidade do compromisso que forma um psicanalista, ou seja, alguém capaz de levar adiante tanto quanto possível, tratamentos psicanalíticos. O ensino da psicanálise não tem necessariamente esse compromisso. Nesse sentido o ensino da psicanálise está contido na formação psicanalítica, mas não dá conta de toda ela. Por transmissão da psicanálise deve ser considerado o processo que, ao ensino, que é indispensável, juntou a prática da experiência da análise propriamente dita, não sem que esta tenha colocado em questão o próprio desejo de formação. É importante dimensionar a diferença, pois nos dois casos não se trata da mesma experiência de conhecimento. O ensino da psicanálise é insuficiente para a formação de um psicanalista. A transmissão da psicanálise, se acontece, supõe que um psicanalista tenha se formado, o que exige um outro psicanalista antes [...]. (CARDOSO, 2008, p.101)

**Evento:** XX Jornada de Extensão

A psicanálise condiciona o sujeito a uma experiência, correndo o risco de ser redundante, a saber: “psicanalítica”. É preciso que o sujeito passe por essa dimensão a qual Freud (1919) sempre frisou - análise pessoal, supervisão e domínio teórico - com alguém mais experiente que também tenha passado por essas etapas a fim de que uma transmissão de saberes possa por em movimento a escuta clínica ao acolher um paciente. Nesse sentido a criação do projeto oportunizou uma abordagem muito mais profunda acerca da prática clínica ao inaugurar um espaço de pesquisa acerca do tema em questão, visto que o curso proporciona um currículo que nem sempre é possível aprofundar alguns temas e que no estágio clínico se faz tão necessário.

[...]Dessa maneira, amplia-se o panorama: o ensino da psicanálise pode encontrar ambiente fecundo da universidade e não somente aí. Para transmissão da psicanálise não é suficiente a instituição universitária, mesmo que ela acolha o psicanalista. Isto é assim por pelo menos um determinante essencial: o dispositivo universitário não pode prever ou exigir a experiência da análise propriamente dita e também não a pode promover. Há nesse sentido uma diferença necessária entre a universidade e a análise: tratam-se de formas distintas de lidar com o saber - a posição do saber em cada uma delas não é a mesma. Sendo assim, mesmo que a universidade disponibilizasse para o psicanalista o espaço físico para sua iniciativa de escuta, o sucesso do que ele faria teria de ser ainda analítico e não poderia ser definido como universitário. Seria ainda por causa da análise que o evento analítico se sucederia [...]. (Cardoso, 2008, p. 101).

A clínica-escola da Unijuí tem uma importância fundamental no atendimento em saúde mental enquanto espaço público para a comunidade. A psicanálise possibilita uma abordagem a partir da individualidade do sujeito e de sua singularidade, independentemente da idade, quer sejam crianças, adolescentes ou adultos. No trabalho clínico com os pacientes o conhecimento universitário só é possível se o acadêmico puder construir paralelamente também um espaço de análise em que possa absorver, não apenas uma teoria, mas uma experiência orientada a partir da formação de um psicanalista que também já passou por isso e tem, além da experiência, uma bagagem teórica vinculada dentro da dimensão analítica, ou seja; objetivos que foram contemplados dentro do projeto.

A diferença entre ouvir e escutar, em termos clínicos, demarca um espaço original na abordagem do inconsciente, pois está voltada na construção de um saber onde o paciente sequer faz qualquer menção pelo quê sofre e o porquê dele se encontrar neste registro de insatisfação. Dessa forma, a escuta clínica torna-se o instrumento onde estes saberes “não ditos” através da fala do sujeito podem circular na forma de atos falhos, esquecimento de nomes, chistes, permitindo ao psicanalista coletar as pistas a fim de identificar o lugar do desejo do paciente, suas projeções imaginárias, fobias ansiedades e suas angústias.

No entanto, essa perspectiva de trabalho não é adequada para todos os pacientes. Na clínica infantil, devido à natural limitação de linguagem das crianças o caminho será outro. A utilização

**Evento:** XX Jornada de Extensão

do brincar na clínica infantil abrirá a possibilidade de escuta no momento em que a criança, através de seus jogos e atuações imaginárias, fará circular inevitavelmente aqueles significantes que estão fazendo questão para ela naquele momento. O terapeuta assumirá um papel de facilitador para as construções imaginárias desses sujeitos ao mesmo tempo em que sua escuta volta-se para o mesmo referencial teórico que utilizaria na abordagem com um adulto.

A escuta é a ferramenta base de trabalho dos psicólogos que se norteiam pela psicanálise, está no início de todo processo, segundo Freud (1912) abster-se de críticas e libertar os ouvidos das amarras sociais é escutar aquele que fala sobre seu sofrer. Essa escuta legítima aquele que sofre e dá-lhe voz e vez em um social cada vez mais em busca de ideias inatingíveis de felicidade e completude.

Com o brincar podemos pensar a mesma perspectiva, não se antecipa a brincadeira, não se consegue precipitar os papéis desencadeados por cada personagem que a criança convoca para a cena. Escutar o brincar assim como a associação livre, deve ser despida de amarras, deve possibilitar um lugar legítimo para aquele sujeito. Conforme Bettelheim (2014), uma das tarefas mais difíceis é auxiliar a criança a encontrar um significado para vida, somente com o desenvolver que ela passa a ter compreensão de si e dos acontecimentos da vida, e consegue relacionar-se com o mundo e as situações de forma significativa, dando um lugar de valia ao brincar na clínica a criança passa a ser ouvida e tem seu discurso legitimado.

Cumiotto (2007) nos diz de uma escuta cada vez mais atenta aos discursos próprios do nosso tempo, que consegue atentar para o que envolve aquele que nos fala na clínica e como de certa forma mudamos o olhar sobre essa técnica que nos permite ouvir além do dito em sessão.

O Grupo de estudos “A escuta clínica”, nos possibilitou pensar e repensar esse fazer da escuta, pensar essa clínica pautada na teoria da psicanálise que vem incluir conforme Cumiotto (2007) o sintoma e o sofrimento do sujeito como algo que constitui e inscreve esse dentro do social, é uma escuta que opera “[...] na verdade do discurso [...], pois o valor não está no conteúdo do material que o paciente apresenta, mas no modo como ele conta [...].” (CUMIOTTO, 2007, p 19).

Isso nos mostra o quão complexo é o ato de escutar aquele que fala, escutar aquele inconsciente que se desdobra e reluta contra todas as suas defesas, que se desenha a partir da fala de um Outro, e se desnuda diante de ouvidos dispostos a acolher esse ato. Escutar na clínica vai além do que se espera do ato, é ir, escreve Cumiotto (2007) tecendo com o paciente as versões do mesmo fato, é dar condições da dimensão simbólica se mostrar e permitir ao paciente dar-se conta do próprio engano. É possibilitar ao sujeito escutar sua própria história para além dos ouvidos do analista.

Foi nesse contexto que os encontros do grupo de estudos “A Escuta Clínica” possibilitaram aos estagiários: reconhecimento dos discursos daqueles que nos procuram, um espaço de apropriação de uma técnica tão complexa e tão rica como a escuta psicanalítica. Para, além disso, alavancar ainda mais a mudança de posição necessária para que o estudante/estagiário se permitisse ocupar

**Evento:** XX Jornada de Extensão

outro lugar de saber, ou seja, um lugar que escuta e reconhece o sintoma como algo próprio e singular de cada paciente.

#### **REFERÊNCIAS:**

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz&Terra, ed. 29. 2014. p. 446.

CARDOSO, Ubirajara Cardoso de. **O ensino da psicanálise na universidade e a clínica-escola de psicologia**: a relação da psicanálise com a esfera pública. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado – em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2008.

CUMIOTTO, Carla. Psicanálise: clínica e conceitos. In: BECKES, Carmen (org.). **A clínica psicanalítica na contemporaneidade**. Porto Alegre: UFERGS Editora, 2007. p. 17-24.

FREUD. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 134-158. (V. 12).

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades (1919). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 185 - 189. (V. 17).